

## Intelecto: o que é?

Prof. Dr. Paulo Faitanin/UFF



Intelecto

**1. O intelecto:** a palavra intelecto provém de *intellectus* e esta, segundo Santo Tomás, de *intus legere*, ‘ler por dentro’; trata-se de uma potência cognitiva da alma humana, por meio da qual a alma conhece algo de si, algo do que lhe rodeia e algo do que lhe transcende. O intelecto é a mais nobre potência da alma, mas não a própria natureza da alma [STh I,q79,a1,c]. Não raro se confunde *intelecto* com *inteligência*. Vejamos: o intelecto é uma faculdade, portanto um ato. O exercício deste ato é a inteligência. Por isso, denomina-se *inteligente* àquele que faz o uso desta faculdade. O intelecto difere da potência dos sentidos [In I Met.lec2,n45; In II Met.lec1,n282-286] por ser aquela uma potência espiritual e esta carnal. O objeto do intelecto, ou seja, aquilo a que ele se dirige é a *verdade* [In VI Met.lec4,n.1230-1240]. Denomina-se *verdade* a adequação entre o que o intelecto conhece de uma coisa com o que ela é em si mesma. Por isso, Tomás diz que a verdade é a adequação do intelecto com a coisa. Mas o intelecto só pode apreender a coisa real porque possui duas operações que o capacitam para tal: uma é a operação indivisível - *a simplex apreensão* - e outra a operação de composição - *o juízo* - [In VI Met.lec4,n.1232]. Por ambas as operações o intelecto orienta-se ao que é inteligível [In XII Met.lec8,n.2540], na medida em que conhece a realidade material e concreta tornando-a semelhante à natureza do intelecto, ou seja, ao que se lhe assemelha por natureza. Então, o intelecto reconhece como sendo próprio do seu conhecimento a realidade imaterial, posto que já seja semelhante ao que é a sua natureza. Por isso, o intelecto se ordena primeiramente para o conhecimento das realidades imateriais, embora seu ponto de partida sejam as realidades materiais. Neste sentido, para além das coisas corpóreas, o intelecto procura conhecer-se a si mesmo, as substâncias separadas - os anjos - e a Deus. Nos três casos, homem, anjos e Deus, aplicam-se o intelecto, mas não da mesma maneira. O intelecto pode ser dito analogamente de Deus, dos Anjos e do ser humano e, em todos os casos, diz-se que o intelecto é imaterial [In IX Met.lec11,n2624]. A diferença é que o intelecto divino entende a si mesmo diretamente e o humano por reflexão [In XII Met.lec11,n2611-2626]. A *ciência* só é possível por causa do *intelecto* que, abstraindo a forma inteligível do sensível, concebe um verbo mental que é universal, verdadeiro, comunicável, como o conceito *homem*, capaz de ser dito e predicado de muitas realidades individuais: Pedro é homem; João é homem etc. Feito isso, a ciência tem o seu ponto de partida na atividade intelectual. Cabe, agora, verificar qual é o objeto próprio do intelecto.

**2. O objeto próprio do intelecto:** Como dissemos acima, o intelecto considera qualquer realidade, seja ela material ou imaterial. Mas como procedimento natural, ela primeiramente considera a realidade material para, a partir de sua consideração e abstração, apreender a natureza desta realidade. Denomina-se *ente* toda a realidade que o intelecto considera e natureza ou essência aquilo que dele o intelecto apreende. Por isso, o ente é o que primeiro considera e conhece o intelecto [In I Met. lec.2, n.46]. Desta maneira, o intelecto ordena-se ou orienta-se primeira e naturalmente à consideração do ente. Mas o que é ente? Originário do latim *ens, entis* 'ente' significa literalmente *o que é* ou mais especificamente *o que tem ser*. Portanto, tudo o que é e tem ser é ente. O ente é estudado pela *Metafísica* e, por isso, diz-se que ele é o sujeito de tal ciência [In IV Met. lec.1, n.529-531]. A noção de ente não é uma noção *genérica* da qual se desprende outras noções específicas. E isso porque ente não é um gênero que se divide em espécies ou subespécies de entes, já que ente não possui diferença no que é, com relação a outro ente [In I Met. lec.9, n.139]: o diamante não é da mesma espécie ou do mesmo gênero que a mangueira, esta não é do mesmo gênero ou espécie do urso etc., pois estas realidades não se encontram sob um mesmo gênero ou espécie de ser, pois em cada realidade, embora todas possuam o ser, ele se realiza efetivamente de um modo distinto, o que não ocorre entre aquelas coisas que se encontram sob um mesmo gênero ou espécie, como no caso das espécies que se encontram sob o gênero animal: a baleia, o macaco e a águia. Por isso, o ente não é nem gênero nem espécie. Quando se diz que ente é o que tem ser [In XII Met. lec.1, n.2419] isso quer significar que a noção de ente é tomada do *ato de ser* [In IV Met. lec.2, n.556-558]. O ato de ser é a perfeição que se afirma de todo e qualquer ente, seja ele qual for. O máximo ente é o que possui o mais intenso ato de ser. Ora, o ente que possui o mais intenso ato de ser é aquele capaz de existir por si. Sendo assim, dá-se o nome de *substância* ao ente por cujo ato de ser existe por si. Por isso, propriamente diz-se que ente é substância [In III Met. lec.12, n.488-493]. Ascendendo até o ato de todos os atos chegamos a Deus: sumo ato de ser. Mas à parte de ser substância, o ente pode ser ainda considerado: do *acidente* (a cor é ente na substância), da *verdade da proposição* (a verdade afirma o ente na proposição), dos *predicamentos* (a substância é ente e cada um dos nove predicamentos, categorias ou acidentes são, também, entes) e se divide em *ente em ato* (este abacateiro) e *ente em potência* (o abacateiro existe em potência na semente do abacate) [In VI Met. lec.2, n.1171]. Em resumidas contas, o ente que é a *substância* é dito *ente essencial* e o que é dito dos acidentes é *ente accidental*, que não é propriamente ser [In XI Met. lec.8, n.2272]. O ente pode ser concebido só na razão e, por isso, é dito *ente de razão*, objeto de estudo próprio da *Lógica* [In IV Met. lec.4, n.574]. Por outro lado, o ente que existe no real, em sua individualidade e singularidade é o *ente real individual*. O ente dito dos predicamentos é *ente predicamental* e o ente dito em ato é *ente em ato* e o ente dito em potência é *ente em potência* [In V Met. lec.9, n.885]. Ora, se o ente é o primeiro

objeto do intelecto, não haverá ciência senão do ente. Mas porque não há ciência acerca do ente em potência e do ente por acidente [In VI Met. lec.2, n.1172-1176], segue-se que a ciência é sempre acerca do ente em ato e do ente essencial, que é a substância, pois de fato, a natureza de algo é o que capta o intelecto, depois de primeiramente considerá-la como ente [In I Met. lec.2, n.46]. Portanto, só há ciência do ser, seja ele de que grau de perfeição for: ciência do ser de Deus (Teologia) e ciência do ser das demais realidades (Ciências naturais) e a ciência do ser enquanto ser (Metafísica).

**3. A ação própria do intelecto:** o próprio do intelecto é conhecer a realidade e dela apreender a natureza, na medida em que o que o intelecto capta da realidade está de acordo com o que se é a realidade: eis a *verdade*. A verdade é o que visa o intelecto, quando ele considera o ente; por isso, a verdade é a adequação do intelecto com a coisa. O conhecimento da verdade é por dupla via: por *resolução* ou *indução*, quando se vai do particular ao universal e por *composição* ou *dedução*, quando se vai do universal ao particular [In II Met. lect. 1, n.278]. Contudo, o conhecimento da verdade implica dupla dificuldade ao intelecto: uma proveniente da parte das coisas, seja pela diversidade e complexidade dos objetos e outra da parte do próprio intelecto, seja pela dificuldade que lhe pode gerar a opinião, a dúvida e o erro [In II Met. lect. 1, n.279-286]. A verdade gerada pelo intelecto pode ser comunicada. Neste sentido, para o conhecimento da verdade, os homens se ajudam duplamente: de um modo direto, quando ao apreenderem-na a transmitem e, de um modo indireto, quando parcialmente a transmitem [In II Met.lect. 1, n.287-288; lect. 5, n.334]. Em todo caso é conveniente buscá-la [In II Met. lect. 5, n.335-336], ainda que a verdade dos primeiros princípios seja previamente determinada no intelecto e o ajudem a resolver muitas dificuldades em sua aplicação [In III Met. lect. 1, n.338]. Quando pois o intelecto apreende a verdade de algo o afirma como verdadeiro, ao mesmo tempo que nega o que não é este algo. Por isso, o verdadeiro e o falso nas coisas não são senão, afirmar e negar [In IX Met. lect. 11, n.1896-1901; In VI, lect. 4, n.1230-1240]. O intelecto quando conhece a verdade de algo, a conhece em ato. Ora, o intelecto não poderia conhecer algo em ato se não estivesse em ato e se não conhecesse em ato. Portanto, o intelecto está mais no ato que na potência quando conhece algo e, do mesmo modo, pode-se dizer que o intelecto está mais nas realidades simples que nas compostas [In IX Met. lect. 11, n.1910-1913].